

1.8 • Conjuntura internacional

### A recuperação económica na União Europeia: realidade ou ficção?

Manuel Farto  
Henrique Morais

MUITO SE ESCREVEU JÁ, também nas páginas do JANUS, sobre aquela que terá sido provavelmente a maior crise financeira desde 1929-30, que fustigou principalmente o mundo das economias avançadas a partir de 2007 e que se refletiu numa queda muito expressiva dos respetivos produtos internos brutos, especialmente em 2009.

A distância temporal face ao epicentro do furacão será eventualmente já suficiente para uma análise mais aprofundada sobre a situação económica da União Europeia (UE 28), depois de uma crise que, nalguns casos, mudou, quiçá para sempre, boa parte da organização económica (mas também social) de alguns dos países que a integram. É esse o intuito principal deste artigo; isto é, começando por identificar a situação económica atual da UE 28, clarificar também como reagiu cada uma das economias nos anos pós-crise, de que forma foram, ou não, capazes de encetar uma recuperação efetiva e, por último, quais as perspetivas que se colocam para o futuro próximo.

#### Europa ao tapete...

A informação disponível para o ano de 2009, aquele em que verdadeiramente mais se sentiram os efeitos da crise, não podia ser mais clara:

o mundo viu cair o produto interno bruto (PIB) em 0,4% face ao ano anterior (em 2008 o crescimento económico mundial tinha atingido 2,7%, já em queda face aos 5,3% de 2007): as economias avançadas, globalmente, perderam 3,4% (tinham crescido uns marginais 0,1% em 2008) mas a União Europeia registava uma queda do PIB de 4,4%, quando em 2008 tinha evidenciado um crescimento de 0,6%.

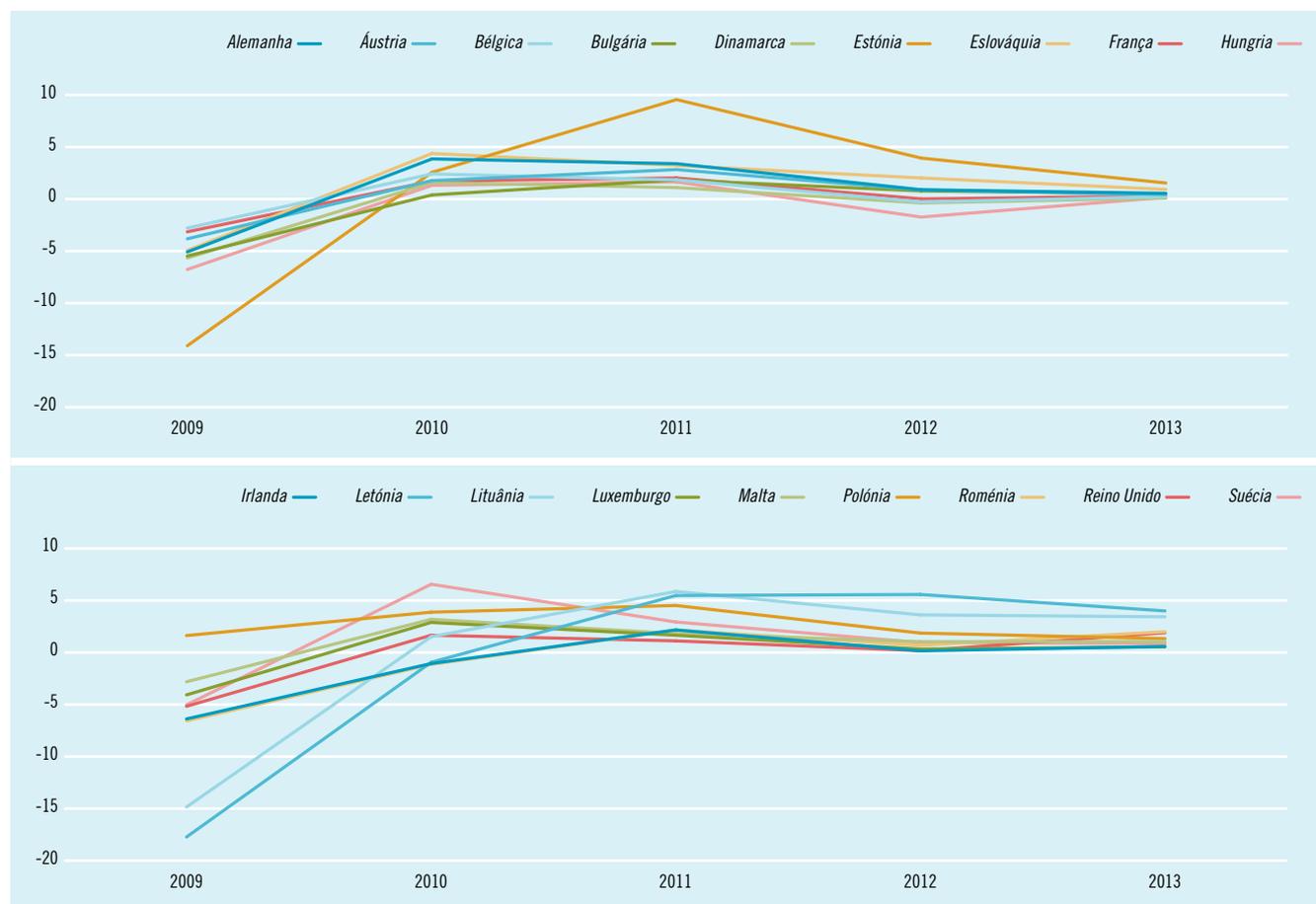
Refém de uma crise financeira que tinha estado longe de ser ela a gerar, mas que a afetava como a mais nenhuma zona económica de referência, a União Europeia dos 28 ia verdadeiramente “ao tapete”, o que era particularmente grave porque se sucedia a anos, nalguns casos décadas, de crescimentos inferiores aos seus parceiros de outras zonas do globo.

Ficava assim ainda mais longínqua uma das grandes “bandeiras” que presidiu ao projeto de integração europeia, isto é, a criação de uma zona também, mas não apenas, económica que pudesse ombrear com os EUA na disputa do sempre aliciante título da maior economia mundial. Pelo contrário, a Europa via o PIB norte-americano crescer a ritmos superiores e assistia à afirmação progressiva da China como grande potência económica mundial.

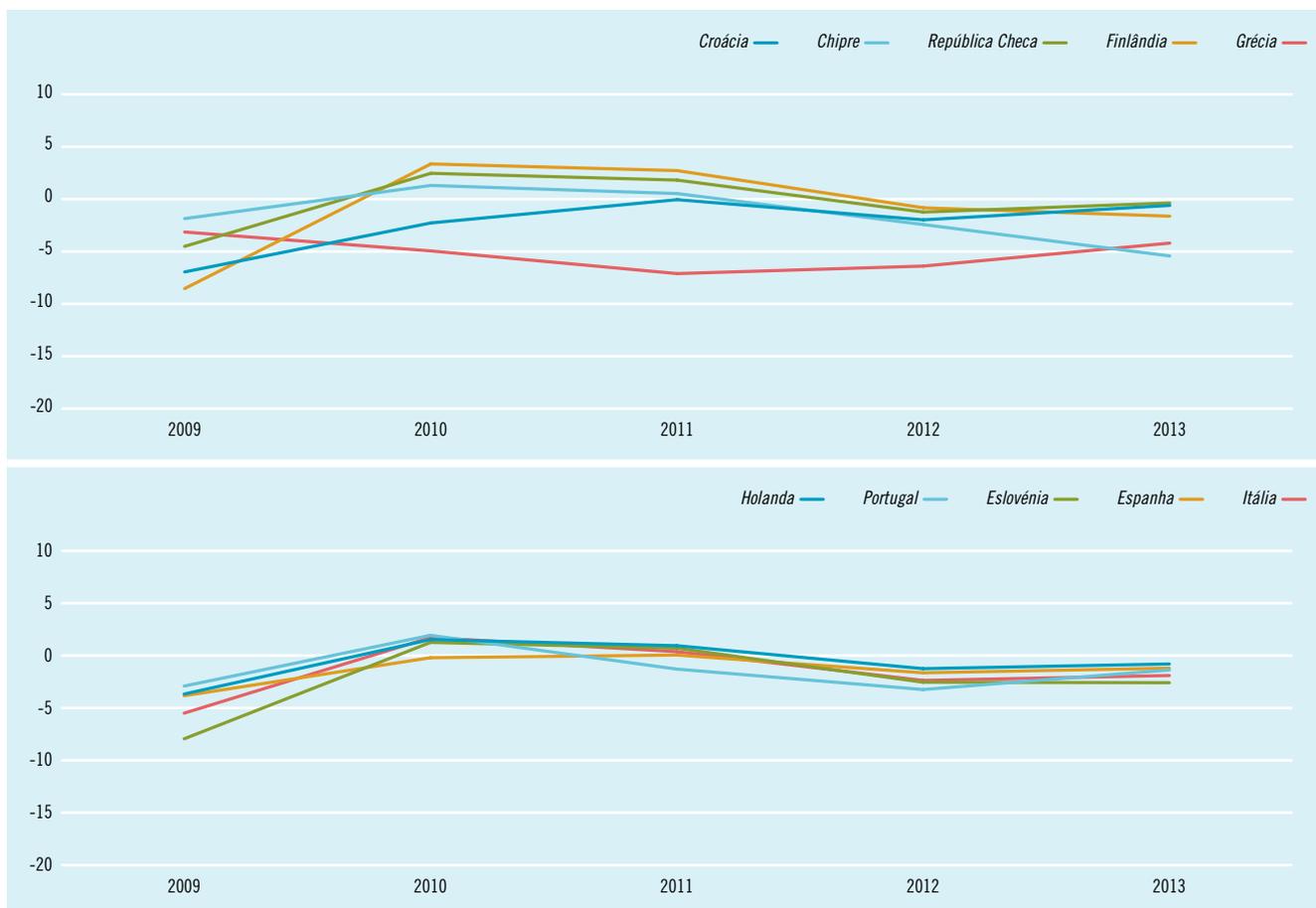
Os gráficos que se apresentam são expressivos quanto à situação atual conhecida, isto é, o crescimento económico em finais de 2013<sup>1</sup>.

Começemos, todavia, pelos dados agregados. Depois do *annus horribilis* de 2009, a União Europeia registou uma recuperação deveras interessante nos dois anos seguintes, com o crescimento do PIB a aproximar-se dos 2% em 2010 e a atingir 1,7%, em 2011. Foram os anos em que a generalidade dos países não hesitou em lançar mão de uma política orçamental mais expansionista, nalguns casos com aumentos salariais no setor público que se viriam a reverter por completo pouco tempo depois, mas também com o crescimento do investimento público.

No entanto, rapidamente a tendência viria a inverter-se e, um pouco por todo o lado mas sobretudo nos países do sul da Europa e na Irlanda, que o pós-crise viria a tornar conhecidos como os “países da periferia do euro”, o esforço de consolidação orçamental tornou-se a palavra de ordem e, nesse contexto, foram implementadas medidas muito drásticas de controlo orçamental, com consequências penosas para o crescimento económico. Por isso, não é de estranhar que em 2012 o PIB tenha voltado a contrair (-0,3%), e que



Os que já recuperaram... (em %) Fonte: International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, October 2013.



... e os que ainda não recuperaram. (em %) Fonte: International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, October 2013.

em 2013 tenha evidenciado um crescimento virtualmente nulo.

Curiosamente, as economias avançadas, tomadas em conjunto, viram o respetivo PIB aumentar 1,5% em 2012 e 1,2% em 2013, o que traduz e confirma o que se pressentia à época: as políticas monetárias e orçamentais mais acomodáticas, nalguns casos mesmo muito expansionistas (nomeadamente a política monetária nos Estados Unidos), que outras economias avançadas implementavam mas que (alguma) Europa recusava, estavam a mostrar-se claramente diferenciadoras, quando se analisava a evolução das economias e a sua capacidade de criar riqueza.

E, quiçá ainda mais grave, essas políticas, por muito favoráveis que fossem ao propalado cenário de retorno da confiança dos mercados aos países da periferia do euro, estavam também a empurrar essas zonas da Europa para uma recessão económica sem precedentes em décadas, que ameaçava vir a ter consequências muito para além dos aspetos estritamente macroeconómicos.

### Uns recuperaram, outros nem por isso...

Mas na própria União Europeia as diferenças no padrão de crescimento dos últimos anos são bem marcadas. Julgamos, aliás, ser útil criar subconjuntos de países em que, de alguma forma, se podem encontrar traços comuns na evolução do indicador em causa, isto é, do Produto Interno Bruto (PIB).

Em primeiro lugar, temos aquela que deve ser possivelmente uma exceção a nível europeu,

a Polónia, onde nem sequer se registou contração do PIB em 2009 (cresceu 1,6%) e onde foi possível manter alguma da imensa dinâmica de crescimento que havia sido acumulada na primeira metade do novo milénio, mercê de uma boa capacidade de atração do investimento externo e, sobretudo no contexto do Leste Europeu, de uma boa organização das estruturas socioeconómicas e políticas.

“**A distância temporal face ao epicentro do furacão será eventualmente já suficiente para uma análise mais aprofundada sobre a situação económica [...]**”

Um segundo grupo junta os países que, tendo registado, em maior ou menor grau, contrações do PIB em 2009<sup>2</sup>, viram as respetivas economias recuperar nos anos mais recentes, ao ponto de evidenciarem já algum crescimento económico. Trata-se de um grupo muito diferenciado, tanto geograficamente como na dimensão das economias em causa, integrando desde os “gigantes” Alemanha e Reino Unido, até à Letónia.

Ainda assim, para além de os efeitos da crise terem sido distintos na maioria dos países que integram este grupo (e que estão indicados nos gráficos), a situação atual é também bem diferente, quando se compara, por exemplo, a Alemanha (crescimento do PIB de 0,6% em 2013), a França

(idem de 0,3%) ou mesmo o Reino Unido (idem de 1,9%), com a Letónia ou a Lituânia, em que o FMI estima crescimentos do produto interno bruto para 2013 de, respetivamente, 4% e 3,4%. Por último, um terceiro grupo, que integra dez países com uma característica comum: ainda que tenham recuperado parcialmente a destruição de riqueza que se seguiu ao período de 2008/2009, nos dois últimos anos voltaram à recessão. Sem surpresa, fazem parte deste grupo a “armada sulista” (Itália, Espanha, Portugal e Grécia), o Chipre, a Croácia, a Eslovénia e a República Checa e, ainda, os algo surpreendentes Finlândia e Holanda.

Ficava assim claro que a crise havia tido efeitos diferenciados na Europa e que a lógica simplista do centro *versus* periferia não era totalmente clara, isto é, alguns países do centro da Europa, numa lógica menos geográfica e mais relacionada com a dimensão das economias e a proximidade dos centros de decisão, tinham também sido significativamente afetados pelos ventos de crise e estavam a encontrar dificuldade na recuperação. ■

### Notas

<sup>1</sup> Em alguns países são já conhecidos os dados finais do PIB do 4.º trimestre de 2013 e, portanto, do ano de 2013. Noutros, em que não foi possível obter essa informação, utilizaram-se as projeções de Outubro do Fundo Monetário Internacional que, em princípio, estarão próximo dos valores reais.

<sup>2</sup> No ano de 2009, a recessão teve dimensões muito distantes, desde uma variação do PIB de -1,9%, em Chipre, aos 17,7% da Letónia, passando pelos -5,1% da Alemanha, -5,2% do Reino Unido ou -3,1% de França.